



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE ALAGOAS – UNEAL
CURSO DE LICENCIATURA INTERCULTURAL INDÍGENA – CLIND

MARIA MÁRCIA DOS SANTOS

**SEQUÊNCIA DIDÁTICA PARA O TRABALHO COM O GÊNERO LENDA
COMO ESTRATÉGIA METODOLÓGICA À PRÁTICA DA ESCRITA E
LEITURA DE ALUNOS WASSU COCAL**

PALMEIRA DOS ÍNDIOS, AL

2025

MARIA MÁRCIA DOS SANTOS

**SEQUÊNCIA DIDÁTICA PARA O TRABALHO COM O GÊNERO LENDA
COMO ESTRATÉGIA METODOLÓGICA À PRÁTICA DA ESCRITA E
LEITURA DE ALUNOS WASSU COCAL**

Trabalho apresentado à
Universidade Estadual de Alagoas -
UNEAL, como requisito para
conclusão do curso de Licenciatura
em Letras-Português e Suas
Literaturas.

Orientador: Prof. Dr. David Christian
de Oliveira Pereira

PALMEIRA DOS ÍNDIOS, AL

2025

SANTOS, Maria Márcia dos. **SEQUÊNCIA DIDÁTICA PARA O TRABALHO COM O GÊNERO LENDA COMO ESTRATÉGIA METODOLÓGICA À PRÁTICA DA ESCRITA E LEITURA DE ALUNOS WASSU COCAL**. Joaquim Gomes/AL, 2025. 23 Pág. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura Intercultural Indígena em Letras) – Curso de Letras - Português, Polo Zona da Mata Joaquim Gomes/AL, Universidade Estadual de Alagoas, Joaquim Gomes/AL.

Artigo Científico, apresentado ao Curso de Letras - Português da Universidade Estadual de Alagoas (UNEAL), Polo Zona da Mata Joaquim Gomes/AL, como requisito parcial à obtenção da nota final do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), e do título de Licenciatura Intercultural Indígena em Letras.

Orientador: Prof. Dr. David Christian de Oliveira Pereira

Aprovado em: 05/04/2025.

Banca Examinadora:

Prof. Dr. David Christian de Oliveira Pereira (Orientador) – UNEAL

Profa. Dra. Iraci Nobre da Silva/ Avaliador(a) – UNEAL

Prof. Dr. Lavoisier Almeida dos Santos/ Avaliador(a) – UNEAL

AGRADECIMENTOS

Agradeço, Primeiramente, a Deus, pela oportunidade da realização de um sonho, e por me dar força, e sabedoria.

Ao meu orientador, prof. Dr. David Christian de Oliveira Pereira, por todo suporte e orientação ao longo dessa caminhada, minha sincera gratidão.

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho de conclusão de curso à minha mãe, Maria Iva da Conceição, que sempre esteve ao meu lado, incentivando-me nos momentos bons e ruins e me dando forças a nunca desistir; sua dedicação e amor incondicional fazem dela minha maior fonte de inspiração.

Ao meu pai, Antônio Pedro dos Santos, um grande guerreiro, que hoje mora com Deus, mas sei que aonde estiver compartilha de minha alegria e se orgulha dessa conquista, pois sua força e ensinamentos permanecem vivos em mim.

RESUMO

Concebemos o gênero textual Lenda como uma estratégia metodológica para incentivar a leitura e a escrita de alunos indígenas, especialmente quando vinculada à valorização cultural e à transmissão de conhecimentos tradicionais, sendo narrativas populares que explicam fenômenos naturais, crenças e tradições. Assim, o objetivo deste estudo é explorar temas culturais que fazem parte da vivência de alunos indígenas Wassu-Cocal, promovendo a valorização e preservação de suas identidades, desenvolvendo a compreensão leitora e a expressão escrita. A metodologia inclui a apresentação de lendas tradicionais locais, a produção de versões escritas dessas narrativas até a criação de novas lendas, promovendo a criatividade e o desenvolvimento da linguagem, incluindo a proposição de trabalho do gênero a partir de uma sequência didática, enriquecendo a formação linguística e cultural dos alunos indígenas em Wassu Cocal.

Palavras-chave: Gênero Lenda; Tradições; Educação indígena;

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho aborda O gênero lenda enquanto estratégia metodológica para o trabalho com a leitura e escrita de alunos indígenas em Wassu Cocal, constituindo-se de fundamental relevância por contribuir para o resgate de histórias contadas pelos anciãos, refletindo valores e crenças que promovem uma maior compreensão da diversidade cultural.

As etapas da pesquisa incluem elaboração de sequência didática para trabalhos em formato de roda de conversa com os alunos de 7º ano do ensino fundamental (anos finais) sobre o conceito de lenda e o conhecimento de lendas locais, da própria comunidade e atividades reflexivas e de escrita baseadas nessas narrativas, confecção de cartazes, dentre outras práticas, para aprimorar a leitura e escrita, tratando das lendas de forma prazerosa. Assim, este trabalho encontra-se organizado a partir de tópicos didaticamente estruturados.

A iniciar pela **Revisão bibliográfica**, baseio-me, principalmente, nas teorias do ensino de gêneros textuais e nas práticas de ensino comunicativas e interativas com uso do gênero sequência didática, consoante perspectiva adotada por Joaquim Dolz e Bernard Schneuwly.

Em **Aquisição da leitura e escrita por alunos indígenas na educação básica**, busco refletir teoricamente sobre como a temática requer a consideração de aspectos históricos, socioculturais, políticos e pedagógicos que influenciam diretamente o processo de ensino-aprendizagem dos estudantes.

Direcionando-me às **lendas em Wassu Cocal e sua função à leitura e produção de textos**, afirmarei que estas são narrativas populares que fazem parte de um patrimônio cultural da comunidade, elas estimulam a imaginação e desenvolve a interpretação de texto.

Por fim, constataremos em **Sequência didática para o trabalho com o gênero lenda: uma proposta** a proposição de uma sequência didática para o trabalho com as lendas, contribuindo significativamente para o

desenvolvimento da competência comunicativa dos alunos, seguindo às **Considerações finais.**

2. REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

Os gêneros textuais são categorias de textos reconhecidos por características linguísticas, estruturais e contextuais específicas (Marcuschi, 2008). Eles desempenham um papel crucial no desenvolvimento da competência comunicativa e na formação de leitores críticos em diferentes contextos educacionais, incluindo comunidades indígenas.

Segundo Marcuschi (2008), entender os gêneros textuais como práticas sociais discursivas possibilita uma abordagem mais dinâmica e contextualizada para o ensino de língua materna. No caso específico das lendas, esses textos não apenas preservam a cultura e a história oral das comunidades indígenas, mas também servem como veículos poderosos para o desenvolvimento da linguagem e da identidade cultural dos alunos (Dolz e Schneuwly, 2004).

As lendas, como gênero textual, são transmitidas oralmente de geração em geração e possuem características narrativas distintas que envolvem elementos míticos, simbólicos e morais.

Elas são relatos populares que buscam explicar a origem de fenômenos naturais, lugares ou acontecimentos misteriosos, misturando fatos reais com elementos fantásticos. Além disso, as lendas exercem um papel importante na formação cultural e na transmissão de valores e ensinamentos, preservando a memória coletiva e reforçando aspectos da identidade de um povo. Por meio delas, personagens sobrenaturais, criaturas encantadas e situações inexplicáveis ganham vida, despertando o imaginário e a curiosidade, ao mesmo tempo que ensinam lições sobre ética, respeito e convivência social (Dolz e Schneuwly, 2004).

Para os alunos indígenas, a familiaridade com esse tipo de narrativa não só fortalece o vínculo com sua herança cultural, mas também facilita a internalização de estruturas narrativas complexas e vocabulário específico da sua etnia.

No contexto educacional, a utilização das lendas como recurso pedagógico não se limita ao ensino da língua materna, mas também promove habilidades de leitura crítica e interpretação (Marcuschi, 2008). Ao explorar diferentes versões de uma lenda e comparar variações regionais, os alunos são incentivados a desenvolver competências de análise textual e contextualização histórica.

Além disso, o ensino de lendas permite aos alunos indígenas participarem ativamente na preservação e revitalização de suas línguas e culturas, que frequentemente enfrentam desafios devido à globalização e à homogeneização cultural (Dolz e Schneuwly, 2004). Ao valorizar e incorporar as narrativas tradicionais em práticas de letramento, as escolas podem contribuir significativamente para a revitalização linguística e cultural das comunidades indígenas.

É importante notar que Marcuschi (2008) enfatiza a relevância de utilizar gêneros textuais no ensino, destacando que essa prática não só aprimora a competência linguística dos alunos, mas também os envolve em práticas sociais significativas. Embora ele não mencione especificamente as lendas ou a relação direta com a autoestima cultural e identidade étnica, sua abordagem sugere que trabalhar com gêneros textuais diversos pode contribuir para o desenvolvimento integral dos estudantes, conforme notamos:

Trabalhar com diferentes gêneros textuais na escola não significa apenas ensinar formas textuais variadas, mas sim oportunizar o desenvolvimento das capacidades cognitivas, sociais e discursivas dos alunos, preparando-os para agir linguisticamente nas mais diversas situações da vida social. (MARCUSCHI, 2008, p. 163).

Ao reconhecer a importância das narrativas indígenas dentro do currículo escolar, os educadores promovem um ambiente inclusivo e respeitoso que valoriza a diversidade cultural e linguística.

Em termos de práticas de letramento, as lendas oferecem uma ponte entre a oralidade e a escrita, permitindo que os alunos indígenas transitem fluidamente entre diferentes modalidades de linguagem (Dolz e Schneuwly, 2004). A adaptação de lendas para o formato escrito não apenas preserva seu conteúdo e significado, mas também amplia seu alcance potencial,

possibilitando que as histórias sejam compartilhadas além das fronteiras físicas das comunidades.

No entanto, é crucial que o ensino de lendas seja sensível às nuances culturais e linguísticas específicas de cada comunidade indígena. Isso requer uma colaboração estreita entre educadores, líderes comunitários e falantes nativos para garantir que as interpretações e adaptações respeitem as tradições orais e os valores culturais locais.

Em suma, o gênero textual lenda desempenha um papel vital na formação de leitores críticos e competentes entre os alunos indígenas, ao mesmo tempo que fortalece sua conexão com a cultura e a língua materna. Ao integrar essas narrativas na prática educacional, as escolas não apenas promovem o desenvolvimento acadêmico, mas também contribuem para a preservação e revitalização das ricas tradições culturais das comunidades indígenas.

A utilização do gênero lenda no trabalho educacional com estudantes indígenas tem sido objeto de estudo em diversas pesquisas, evidenciando sua importância na valorização cultural e no processo de ensino-aprendizagem. As narrativas tradicionais, como as lendas, desempenham um papel fundamental na transmissão de conhecimentos, valores e na manutenção da identidade cultural desses povos (MacDonald et al., 1999).

Segundo Basso (1984), as histórias contadas nas comunidades indígenas, além de entreter, servem como ferramentas educativas que orientam comportamentos e reforçam valores comunitários. No contexto das tribos Apache ocidental, por exemplo, as narrativas são utilizadas para alertar sobre as consequências de ações que não seguem os padrões aceitáveis da comunidade. Uma história específica aborda a intromissão de uma mãe na vida de seu filho casado, resultando em consequências trágicas, enfatizando a importância de respeitar limites e papéis sociais.

Eder (2007) destaca a relevância de incorporar práticas de narração de histórias indígenas, como as dos Navajos, no ambiente escolar. Essa integração não apenas enriquece o currículo, mas também assegura a manutenção da integridade cultural, permitindo que os estudantes indígenas vejam suas tradições refletidas e valorizadas no espaço educacional.

No Brasil, iniciativas como as de Nanblá Gakran¹ têm sido pioneiras na inclusão da língua e cultura Laklãnõ no currículo escolar. Gakran desenvolveu materiais didáticos bilíngues, incluindo dicionários e livretos com lendas nas línguas Laklãnõ e português, promovendo a valorização e preservação da identidade cultural entre os estudantes indígenas (Gakran, 1990).

Vãngri Kaingáng², por sua vez, tem contribuído significativamente para a educação indígena através de suas obras literárias e artísticas. Sua atuação como educadora bilíngue e escritora de lendas Kaingáng tem sido essencial para a promoção e valorização da cultura indígena nas escolas, fortalecendo a identidade étnica e o orgulho cultural entre os jovens estudantes (Kaingáng, 2017).

A lenda de Nhanderequeí, figura mitológica guarani, exemplifica como essas narrativas podem ser utilizadas pedagogicamente para transmitir conhecimentos sobre a origem e uso do fogo, além de reforçar valores comunitários e a importância da cooperação (Munduruku, 2005). Ao trabalhar essa lenda em sala de aula, os educadores podem promover discussões sobre a história, cultura e conhecimentos tradicionais dos povos guarani.

Simpson (2013) ressalta que as narrativas indígenas, ao serem compartilhadas no ambiente educacional, permitem que os estudantes desenvolvam uma compreensão mais profunda de sua identidade e do mundo ao seu redor. Essas histórias promovem o pensamento holístico e a conexão entre o individual e o coletivo, aspectos centrais nas epistemologias indígenas.

¹ Nanblá Gakran foi um importante líder indígena brasileiro do povo Xokleng (também chamados de Laklãnõ), situado no estado de Santa Catarina. Ele é reconhecido por sua atuação na defesa dos direitos territoriais e culturais do seu povo, principalmente em um contexto histórico marcado pela violência, colonização e tentativa de extermínio dos povos indígenas na região sul do Brasil.

Além de ser uma figura política importante, Nanblá Gakran teve papel fundamental na articulação indígena e na luta pela demarcação das terras indígenas do povo Xokleng. Seu nome está ligado à resistência e à preservação da cultura e identidade indígena no Brasil, e também é lembrado no contexto do Território Indígena Ibirama-Laklãnõ, uma das principais áreas indígenas em Santa Catarina.

² Vãngri Kaingáng foi um importante líder, pensador e intelectual indígena do povo Kaingáng, um dos maiores grupos indígenas do sul do Brasil. Ele nasceu na Terra Indígena Guarita, no Rio Grande do Sul, e dedicou sua vida à luta pelos direitos dos povos indígenas, pela preservação da cultura Kaingáng e pelo reconhecimento das línguas indígenas no Brasil. Foi ainda um escritor, poeta e tradutor, conhecido por suas reflexões sobre identidade indígena, memória e resistência. Sua obra contribuiu para valorizar e preservar a língua Kaingáng e incentivar o orgulho cultural entre os jovens indígenas.

A pesquisa de Piquemal (2003) enfatiza a importância de respeitar as tradições orais indígenas no contexto educacional ocidental. Ao incorporar lendas e outras formas de narrativa tradicional no currículo, os educadores não apenas enriquecem o conteúdo pedagógico, mas também promovem o respeito e a valorização das culturas indígenas.

Hodge et al. (2002) demonstram que a utilização de narrativas tradicionais pode ser uma estratégia eficaz para promover o bem-estar nas comunidades indígenas. Ao compartilhar lendas que abordam temas como saúde, moralidade e comportamento, os educadores podem influenciar positivamente o desenvolvimento dos estudantes.

A lenda de Potira, amplamente difundida no folclore brasileiro, pode ser utilizada como recurso pedagógico para discutir temas como amor, fidelidade e conexão com a natureza. Ao trabalhar essa lenda, os educadores têm a oportunidade de explorar aspectos culturais e históricos dos povos indígenas brasileiros, promovendo a valorização e o respeito por essas tradições (Bueno, 1999).

Iseke (1998) destaca que as histórias indígenas, ao serem integradas no currículo escolar, oferecem aos estudantes a oportunidade de aprender lições de vida e valores fundamentais de sua cultura. Essa prática contribui para a construção de uma identidade sólida e para o fortalecimento dos laços comunitários.

A inclusão de lendas indígenas no ambiente educacional também pode servir como ferramenta para a revitalização linguística. Ao ensinar lendas na língua materna dos estudantes, os educadores promovem o uso e a preservação do idioma, contribuindo para a manutenção da diversidade linguística (Gakran, 1990).

Além disso, trabalhar com lendas permite que os estudantes desenvolvam habilidades de compreensão e interpretação de textos. Ao analisar essas narrativas, os alunos exercitam competências linguísticas e críticas, essenciais para seu desenvolvimento acadêmico e pessoal (Eder, 2007).

A abordagem de narrativas tradicionais no ensino também facilita a conexão entre gerações. Ao envolver anciãos e membros da comunidade na contação de histórias, as escolas fortalecem os vínculos comunitários e

asseguram a transmissão de conhecimentos e valores ancestrais (Simpson, 2013).

Por fim, a utilização do gênero lenda no contexto educacional indígena representa uma estratégia poderosa para a promoção da interculturalidade. Ao valorizar e incorporar essas narrativas no currículo, as escolas contribuem para a construção de uma sociedade mais justa e respeitosa das diferenças culturais.

3. AQUISIÇÃO DA LEITURA E ESCRITA POR ALUNOS INDÍGENAS NA EDUCAÇÃO BÁSICA

A aquisição da leitura e escrita por alunos indígenas na educação básica é um tema de extrema relevância no contexto educacional brasileiro, considerando a pluralidade linguística e cultural presente nas comunidades indígenas. A reflexão teórica sobre essa temática requer a consideração de aspectos históricos, socioculturais, políticos e pedagógicos que influenciam diretamente o processo de ensino-aprendizagem desses estudantes.

De acordo com D'Angelis e Veiga (1997), a educação de populações indígenas deve ser analisada a partir do reconhecimento de suas especificidades culturais e linguísticas. As autoras destacam a importância de uma abordagem que valorize as práticas tradicionais de transmissão de conhecimento, articulando-as às demandas da educação formal. Essa perspectiva busca evitar a imposição de um modelo educacional homogêneo, que frequentemente desconsidera as particularidades de cada comunidade.

Uma das principais questões enfrentadas na alfabetização de alunos indígenas é o desafio de trabalhar com o bilinguismo ou mesmo o multilinguismo. Segundo Freire (1987), a alfabetização precisa respeitar as experiências culturais e linguísticas dos aprendizes, transformando-as em recursos pedagógicos. Nesse sentido, o uso das línguas maternas como meio de ensino inicial tem se mostrado eficaz para promover uma aprendizagem mais significativa.

Outro aspecto central nesse debate é a relação entre a alfabetização e a preservação cultural. Segundo Gois (2005), a educação indígena deve ser

pensada como um instrumento de fortalecimento das identidades culturais, permitindo que os alunos se apropriem da escrita não apenas como ferramenta de comunicação, mas também como um meio de registrar e perpetuar saberes tradicionais.

A Lei 11.645/2008, que tornou obrigatório o ensino da história e cultura indígena nas escolas brasileiras, também trouxe à tona a necessidade de revisão das práticas pedagógicas voltadas para os alunos indígenas. Como aponta Candau (2016), é fundamental que o currículo escolar inclua conteúdos que dialoguem com as realidades dessas comunidades, promovendo um ensino contextualizado e inclusivo.

Entretanto, é necessário considerar as dificuldades estruturais que afetam a educação nas comunidades indígenas. Oliveira (2012) ressalta que a falta de materiais didáticos bilíngues, a escassez de professores capacitados e as condições precárias de muitas escolas representam entraves significativos para a qualidade do ensino.

Uma abordagem promissora tem sido a formação de professores indígenas, como indicado por Lopes da Silva (2010). Esses profissionais, por estarem inseridos nas comunidades e compartilharem os mesmos valores culturais, têm maior facilidade para adaptar os conteúdos escolares às necessidades dos alunos, promovendo uma educação que respeite a diversidade.

Além disso, estudos como o de Baniwa (2006) enfatizam a importância da participação ativa das lideranças comunitárias no planejamento educacional. A construção de um currículo coletivo, elaborado em diálogo com as comunidades, garante maior legitimidade e adesão ao processo de ensino-aprendizagem.

No entanto, a inserção da escrita como prática social nas comunidades indígenas ainda enfrenta resistências culturais em alguns contextos. Segundo D'Angelis e Veiga (1997), há situações em que a introdução da escrita é vista como uma ameaça à oralidade, que constitui a base da tradição e da identidade de muitos povos indígenas.

Por outro lado, a oralidade e a escrita, podem ser vistas como práticas complementares. De acordo com Kleiman (1995), a integração dessas

modalidades amplia as possibilidades de comunicação e expressão, desde que a alfabetização respeite os contextos culturais e sociais dos aprendizes.

Um exemplo significativo é o projeto de educação indígena desenvolvido entre os povos guarani no sul do Brasil, descrito por Jecupé (1998). Nesse caso, a alfabetização bilíngue foi utilizada para reforçar os valores culturais e promover a autonomia das comunidades, demonstrando como é possível articular tradição e modernidade no âmbito educacional.

Em termos metodológicos, o ensino de leitura e escrita para alunos indígenas deve privilegiar abordagens participativas e dialógicas. Freire (1987) propõe que o processo educativo seja pautado pela reflexão crítica sobre a realidade, permitindo que os aprendizes compreendam a escrita como um instrumento de transformação social.

No entanto, é necessário cautela para evitar a instrumentalização da educação como meio de assimilacionismo cultural. Segundo Ribeiro (1995), a escola não deve atuar como um agente de homogeneização, mas sim como um espaço de valorização da diversidade.

Para garantir o sucesso da alfabetização de alunos indígenas, é fundamental que as políticas públicas assegurem condições adequadas de ensino. Segundo Oliveira (2012), investimentos em infraestrutura, formação continuada de professores e produção de materiais didáticos contextualizados são condições indispensáveis.

A aquisição da leitura e escrita pelos alunos indígenas representa não apenas um desafio educacional, mas também uma oportunidade de promover o diálogo intercultural. Como aponta Candau (2016), é preciso construir uma educação que reconheça a pluralidade e contribua para a formação de uma sociedade mais justa e inclusiva.

4. AS LENDAS EM WASSU COCAL E SUA FUNÇÃO À LEITURA E PRODUÇÃO DE TEXTOS

Como já observado, ao se lendas é importante ressaltar que essas desempenham um papel significativo na sociedade brasileira, ao transmitir valores culturais, tradições, crenças e conhecimento populares e lendas da aldeia Wassu Cocal.

Fazem parte de um patrimônio cultural da comunidade, que refletem costumes e crenças, e promove a valorização da identidade cultural, e o respeito pela diversidade, sendo de suma importância para aprimorar a leitura e produção de textos em sala de aula, pois estimulam a imaginação dos, incentivando-os a criarem suas próprias narrativas, pois as lendas possibilitam a interpretação de mensagens, a identificação de elementos narrativos, como tempo, enredo, personagens espaço e o reconhecimento de valores transmitidos.

A seguir, apresento uma breve exposição sobre algumas das lendas contadas há gerações em Wassu Cocal:

A lenda do Manoel Jumento

Manoel Jumento foi um indígena do povo Wassu, conhecido por sua brutalidade. Ele costumava bater em sua mãe sempre que chegava bêbado em casa. Certa vez, sua mãe lhe lançou uma praga e, desde então, nas noites de lua cheia, muitos moradores testemunharam sua transformação: metade de seu corpo permanecia humano, enquanto a outra metade se tornava a de um jumento. Além disso, ele também se transformava em outros animais domésticos.

Sempre que uma moça da aldeia se preparava para o casamento, Manoel Jumento assumia a forma de um gato ou de um rato apenas para espiá-la se vestindo. Ele era conhecido por sua conduta anárquica e era amplamente reconhecido dentro da comunidade.

Objetivo: Respeitar e valorizar os pais, promover a harmonia e incentivar a empatia dentro das famílias e da comunidade.

A lenda do Fogo Corredor

Contam os anciãos que o Fogo Corredor é uma bola de fogo que se move rapidamente pelos caminhos. Dizem que sua origem está ligada a um compadre e uma comadre que resolveram namorar. Como castigo pelo pecado, quando morreram, seus espíritos retornaram à terra em forma de fogo,

assombrando o povo como duas tochas flamejantes que correm uma contra a outra, perseguindo ou desviando das pessoas.

Alguns acreditam que o Fogo Corredor seja o espírito de alguém que não teve um enterro adequado e cuja alma permaneça aprisionada, vagando em busca de descanso.

Objetivo da lenda: Explicar fenômenos naturais desconhecidos, como o fogo-fátuo, de forma mística. Transmitir ensinamentos culturais, reforçando a crença na necessidade de respeitar os mortos e a natureza.

A lenda da Pedra da Baleia

Conta-se que o senhor Amaro Máximo, ancião e curandeiro da aldeia, dizia que existia uma linda moça no Rio da Baleia.

Ao meio-dia, ele estava trabalhando no sítio da Itabira quando ouviu um canto maravilhoso. Encantado, dirigiu-se até o rio e, ao chegar, deparou-se com uma linda moça sobre uma pedra, cantando.

Seu Amaro Máximo ficou fascinado com tanta beleza, e todas as pessoas que ouviam seu canto se impressionavam com sua doce voz.

Seu corpo era metade peixe e metade mulher — uma linda sereia que habitava aquela pedra. Hoje, contam que a pedra que se encontra dentro do rio, com formato de baleia, é oca e que aqueles que passam perto dela são sugados para seu interior.

Objetivo: Ensinar sobre as crenças e alertar sobre os perigos da sedução, bem como os riscos de se deixar levar pelos encantos sem pensar nas consequências.

5. SEQUÊNCIA DIDÁTICA PARA O TRABALHO COM O GÊNERO LENDA: UMA PROPOSTA

O ensino de gêneros textuais na Educação Básica tem se destacado como uma abordagem eficiente para o desenvolvimento das competências linguísticas dos alunos. Dentre os diversos gêneros textuais trabalhados em sala de aula, a lenda se apresenta como um dos mais ricos em termos culturais

e estruturais, possibilitando uma experiência significativa de aprendizagem. Para que essa abordagem seja eficaz, faz-se necessário um planejamento estruturado, como o proposto pelas sequências, que permitem o desenvolvimento progressivo de habilidades de leitura, escrita e oralidade.

A Linguística Textual, enquanto campo teórico, fornece subsídios importantes para o ensino da lenda como gênero discursivo.

Os gêneros discursivos podem ser definidos como tipos relativamente estáveis de enunciados, que se estabelecem a partir de uma situação de comunicação e se configuram em função das práticas sociais. Esses tipos são caracterizados por determinadas expectativas e convenções que regem sua produção e interpretação, refletindo, portanto, o contexto sociocultural e histórico em que são utilizados. Assim, os gêneros discursivos não são fixos, mas mantêm uma certa regularidade, o que permite a compreensão e a adaptação de suas formas ao longo do tempo (Marcuschi, 2008).

A lenda, enquanto gênero narrativo pertencente à tradição oral, carrega em sua estrutura elementos que favorecem o desenvolvimento da coesão e coerência textual (Koch; Elias, 2016), aspectos fundamentais para a produção de textos coesos e compreensíveis.

No contexto educacional, as sequências didáticas se apresentam como uma ferramenta metodológica que organiza o ensino do gênero em etapas progressivas. Dolz e Schneuwly (2004) propõem que a sequência didática seja composta por atividades de motivação, reconhecimento do gênero, produção inicial, intervenção docente e produção final, o que garante uma aprendizagem significativa. Essa estrutura permite que os alunos compreendam as características do gênero lenda e desenvolvam competências linguísticas e discursivas.

A primeira etapa de uma sequência didática envolve a motivação dos alunos para o gênero lenda. Esse momento inicial é essencial para despertar o interesse dos estudantes, podendo ser realizado por meio de contação de histórias, apresentação de vídeos ou exploração de ilustrações relacionadas ao universo das lendas. Segundo Antunes (2010), a ativação do conhecimento prévio dos alunos é fundamental para o sucesso do processo de ensino-aprendizagem.

Na segunda etapa, os alunos entram em contato com diferentes lendas, analisando suas características estruturais e discursivas. A identificação de

elementos como personagens, cenário, tempo e eventos principais permite que os estudantes compreendam os aspectos narrativos específicos desse gênero. De acordo com Koch e Elias (2016), essa análise contribui para o desenvolvimento da compreensão textual e da produção escrita.

Após a familiarização com o gênero, os alunos realizam uma produção inicial da lenda. Essa atividade permite diagnosticar as dificuldades e potencialidades dos estudantes na escrita do gênero. Nesse sentido, o papel do professor é essencial, pois, conforme Schneuwly e Dolz (2004), a intervenção pedagógica deve ocorrer de forma estratégica, proporcionando feedbacks e reflexões sobre a produção textual.

A intervenção docente é um dos momentos mais importantes da sequência didática. Durante essa etapa, os alunos recebem orientações sobre aspectos gramaticais, discursivos e textuais que necessitam de aprimoramento. Marcuschi (2008) destaca que a produção textual deve ser compreendida como um processo, no qual revisões e reescritas são fundamentais para a aprendizagem.

Na última etapa da sequência didática, os alunos realizam a produção final da lenda, incorporando as reflexões e ajustes sugeridos durante a intervenção docente. Esse momento permite que os estudantes percebam sua evolução na escrita e compreendam a importância do planejamento e da revisão textual. Além disso, a socialização das produções pode ser incentivada por meio de apresentações orais, exposição de textos ou até mesmo a criação de um livro coletivo.

O trabalho com lendas por meio de sequências didáticas contribui significativamente para o desenvolvimento da competência comunicativa dos alunos. Além de ampliar a compreensão sobre a cultura popular, essa abordagem possibilita o aprimoramento da leitura e escrita, essenciais para a formação dos estudantes. Como argumenta Antunes (2010), o ensino da língua deve estar atrelado ao uso real da linguagem, permitindo que os alunos se tornem usuários proficientes da língua escrita e falada.

Dessa forma, o ensino da lenda na Educação Básica, quando estruturado por sequências didáticas e fundamentado na Linguística Textual, permite uma aprendizagem mais efetiva e significativa. Com a abordagem

adequada, os alunos não apenas compreendem melhor o gênero, mas também aprimoram suas habilidades de produção textual, leitura e oralidade.

A seguir, apresenta-se uma proposta para o trabalho com o gênero Lenda a partir de sequência didática, levando em consideração a realidade do estudante indígena Wassu Cocal.

SEQUÊNCIA DIDÁTICA

Plano de aula

Componente Curricular: Língua Portuguesa

Conteúdo: Explorando o gênero textual Lenda em Wassu, a Lenda do Páro.

Duração: 6h., sendo 2h/a por dia

Mobilizados: 7º ano

Descritores: D7 D8

Habilidade: EF67LP05 EF67LP08/ EF67LP14/ EF67LP20

Objetivo: Compreender as características do gênero textual lenda, desenvolver habilidades de leitura crítica e produção textual, no intuito de estimular a criatividade e a expressão escrita, valorizando a cultura popular e as tradições orais.

Metodologia:

{Segunda-feira}

No primeiro momento, apresentação do tema e levantamento de conhecimentos sobre a importância das lendas Wassu, para o fortalecimento da cultura indígena, após leitura e interpretação de texto, distribuir vários textos com diversas lendas locais, e propor atividade de compreensão e debate.

No segundo momento, atividade xerocada com perguntas norteadoras, tais como: o que é uma Lenda? Por que as lendas são importantes para o fortalecimento da cultura? Conhece alguma lenda? Fale sobre ela.

{Terça-feira}

No primeiro instante, propor uma pesquisa sobre lendas locais, com os familiares e anciões, em seguida, leitura e análise da lenda do Páro.

Segundo momento, atividade em grupo, visando identificar elementos principais na lenda trabalhada, personagem, tempo e desfecho, após discutir os valores culturais transmitidos pela lenda.

{Quinta-feira}

Inicialmente, explicar o que é uma lenda de narrativa tradicional, transmitida oralmente, que mistura fatos reais e elementos fantásticos, após solicitar produção oral recontando lendas. Recontar oralmente para a turma uma lenda utilizando a criatividade, dramatizações e ilustrações.

No segundo momento de atividade, solicitar produção escrita criando uma lenda, formando duplas, objetivando criar uma lenda baseada na cultura local, definindo os personagens, cenário e conflitos, destacando as características sobrenaturais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As lendas fazem parte do imaginário coletivo de determinadas sociedades/comunidades, sua estrutura narrativa facilita a compreensão textual, desperta o interesse do aluno e estimula a criatividade. Apresentam narrativas envolventes, o que motiva os alunos a se interessarem pela leitura. Ao analisar elementos como personagens, cenário e enredo, eles aprimoram a compreensão textual e a capacidade interpretativa.

Os alunos podem criar suas próprias histórias, reescrevê-las com novos finais ou até mesmo inventar lendas baseadas em seu contexto. Isso fortalece a criatividade e o domínio da escrita. As lendas, por serem transmitidas tradicionalmente de forma oral, são excelentes para desenvolver a oralidade por meio de dramatizações, contações de histórias e debates em sala de aula. As lendas fazem parte do patrimônio cultural de um povo. Ao estudá-las, os alunos entram em contato com diferentes culturas, fortalecendo o respeito pela diversidade e a valorização das tradições.

A aplicação de uma sequência didática organizada e planejada pode contribuir para o desenvolvimento das práticas de leitura e escrita, permitindo

que os alunos possam evoluir de forma estruturada, aprimorando a compreensão e expressão escrita.

A produção textual baseada em lendas promove a criatividade e a autonomia na escrita, o uso de estratégias como dinâmicas, contações de histórias reescritas favorece o envolvimento dos alunos e facilita o aprendizado; utilizar esse gênero como estratégia metodológica à leitura e escrita se demonstra eficaz para o desenvolvimento das competências linguísticas dos alunos, essa abordagem contribui para a valorização da cultura oral e escrita, estimulando o gosto pela leitura de maneira prazerosa e significativa.

Como constatado, trabalhar o gênero lenda por meio de sequências didáticas é fundamental para o desenvolvimento das habilidades de leitura, escrita e oralidade dos alunos, além de contribuir para a valorização da cultura popular.

Logo, as sequências didáticas permitem um trabalho planejado e organizado, garantindo que os alunos avancem gradualmente na compreensão do gênero, partindo da leitura e interpretação para a escrita e reescrita.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Irandé. *Linguagem e ensino: exercícios de interação*. São Paulo: Parábola, 2010.

BANIWA, Gersem. *Educação escolar indígena: um projeto político-pedagógico diferenciado*. Brasília: MEC, 2006.

BASSO, K. H. (1984). "Stalking with Stories": Names, Places, and Moral Narratives Among the Western Apache. In: Basso, K. H., & Feld, S. (Eds.), *Senses of Place*. Santa Fe: School of American Research Press.

BUENO, E. (1999). *Capitães do Brasil: a saga dos primeiros colonizadores*. Rio de Janeiro: Objetiva.

CANDAU, Vera Maria. *Educação e diversidade cultural*. Petrópolis: Vozes, 2016.

D'ANGELIS, Beatriz; VEIGA, Maria do Rosário Silveira. *Educação indígena: perspectivas e desafios*. São Paulo: Cortez, 1997.

DOLZ, Joaquim; SCHNEUWLY, Bernard. *Gêneros orais e escritos na escola*. Campinas: Mercado de Letras, 2004.

- EDER, D. J. (2007). Bringing Navajo Storytelling Practices into Schools: The Importance of Maintaining Cultural Integrity. *Anthropology & Education Quarterly*, 38(3), 278–296.
- FREIRE, Paulo. *A pedagogia do oprimido*. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- GAKRAN, N. (1990). *Dicionário Ilustrado Laklãnô/Português*. Florianópolis: UFSC.
- GOIS, José. *Letramento e identidade cultural*. São Paulo: Edusp, 2005.
- JECUPÊ, Daniel Munduruku. *O desafio da escola indígena*. São Paulo: Global, 1998.
- KLEIMAN, Angela. *Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita*. Campinas: Mercado de Letras, 1995.
- KOCH, Ingedore Villaça; ELIAS, Vanda Maria. *Linguística textual: introdução e aplicação*. São Paulo: Contexto, 2016.
- LOPES DA SILVA, Aracy. *Formar professores indígenas: desafios e conquistas*. Rio de Janeiro: Pallas, 2010.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola, 2008.
- OLIVEIRA, João. *Educação e políticas públicas para comunidades indígenas*. Brasília: MEC, 2012.
- RIBEIRO, Darcy. *O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.